



Sociedade & Natureza

ISSN: 0103-1570

sociedadnatureza@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia

Brasil

Ribeiro de Campos, Rui
VISÃO DE VIDAL DE LA BLACHE A RESPEITO DE FRIEDRICH RATZEL
Sociedade & Natureza, vol. 26, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 419-432
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321332652003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

VISÃO DE VIDAL DE LA BLACHE A RESPEITO DE FRIEDRICH RATZEL

Vidal de La Blache's view of Frederic Ratzel

Rui Ribeiro de Campos

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

profrucampos@yahoo.com.br

Artigo recebido em 16/04/2014 e aceito para publicação em 23/07/2014

RESUMO: Vidal de La Blache foi por muito tempo, principalmente no Brasil, considerado um opositor das ideias de Friedrich Ratzel. A análise de diversos textos de Vidal mostrou que isso não existiu e que Ratzel teve influência significativa em algumas concepções do geógrafo francês. É esse fato que o artigo pretende destacar, além de expor as razões da colocação desta “rivalidade” e analisar escritos de Vidal para demonstrar o respeito que este possuía em relação a concepções do geógrafo prussiano.

Palavras chave: Vidal de La Blache; Friedrich Ratzel; Possibilismo; Determinismo.

ABSTRACT: For a long time, Vidal de la Blache was considered an opponent of Friedrich Ratzel's ideas, especially in Brazil. Analysis of several Vidal's texts has shown that it did not exist and that Ratzel had a important influence in some of the French geographer conceptions. This is the fact that the article aims to detach, besides exposing the reasons of putting this “rivalry” and analyzing Vidal's writings to demonstrate this last one's respect for the Prussian geographer conceptions.

Key words: Vidal de la Blache; Friedrich Ratzel; Possibilism; Determinism.

APRESENTAÇÃO

Desde a Antiguidade, não importando o significado que possuía, a Geografia foi conceituada como uma das responsáveis pela criação de uma imagem do mundo e por sua descrição. A partir da chamada Era Contemporânea, apropriou-se, na Europa, de um discurso científico e mais moderno, ainda objetivando descrever e criar uma imagem do mundo. Por isso, atribuir a Alexandre von Humboldt (1769-1859) e a Karl Ritter (1779-1859) a emergência da geografia científica e moderna é algo que não deve ser feito desconsiderando o papel e a importância do saber geográfico produzido anteriormente. Segundo Gomes (1996), Paul Claval, em 1982, considerou que existiram três grandes cortes no pensamento geográfico europeu.

O primeiro corresponde à transformação trazida pelo triunfo do espírito naturalista no final do século XVIII e os nomes de Humboldt e Ritter são lembrados como os mais representativos desta mudança, que se traduziu por uma sistematização da explicação e por uma descrição metódica na geografia. O segundo corte situou no final do século XIX; ele corresponde ao momento de institucionalização da disciplina e foi marcado por uma compartimentação do saber geográfico: a geografia geral física e a geografia regional. Finalmente, o terceiro grande corte foi aquele vivido nos anos 50 e correspondeu à transformação da geografia em ciência social (GOMES, 1996, p. 46).

Discorda-se um pouco dessa divisão, principalmente da última parte, pois Élisée Reclus (1830-1905) já considerava (e também já praticava) uma Geografia como uma ciência da sociedade. No entanto, a exclusão desse autor anarquista foi parte do processo de institucionalização da Geografia ligada ao Estado francês. E esses três grandes cortes deveriam ser colocados como sendo após Revolução Francesa, para não se desmerecer tudo o que foi realizado antes.

Considera-se como responsável pela institucionalização da Geografia na França, Paul Vidal

de La Blache (1845-1918), que lecionou no liceu de Angers, na *École Supérieure des Lettres et Sciences*, e foi nomeado (em outubro de 1872) professor do Curso de História e Geografia da Faculdade de Letras de Nancy, onde, na verdade, ensinará basicamente Geografia. Lira (2012) afirmou que sua escolha foi devido ao fato de Nancy ter se tornado fronteira com a Alemanha, recebendo exilados de Alsácia e Lorena, regiões anexadas pelo Estado germânico em 1871. Foi na condição de professor associado ao Curso de História que La Blache ensinou por vinte anos (LIRA, 2012). No preparo de suas novas funções, viajou à Alemanha, onde entrou em contato com Oscar Peschel (1826-1875), Ferdinand von Richthofen (1833-1904) e com Friedrich Ratzel (1844-1904). Este o influenciou bastante: “*É fato conhecido que Vidal recorreu diretamente ao mestre alemão em seu período de formação, meses antes de assumir a cátedra de Geografia e História em Nancy (janeiro de 1873).*” (PEREIRA, 2012, p. 347).

Que ele se baseou notadamente em geógrafos alemães não é novidade; a literatura geográfica alemã era bem superior à francesa. “*A tomar pela Geografia, o círculo de Vidal de La Blache possuía contatos profundos com a geografia alemã. Este geógrafo estudara as obras de Ritter e assistira conferências de Richthofen, Peschel, Theobald Fischer e Ratzel.*” (LIRA, 2010, p. 01) No entanto, ainda hoje afirmam que Vidal criou a escola Possibilista e esta era contrária à escola Determinista, atribuída à Friedrich Ratzel (1844-1904). Ou seja, passam a impressão de que os dois eram inimigos do ponto de vista intelectual.

Por isso é importante separar diversas concepções de possibilistas das de Vidal, pois integrantes dessa escola deturparam parte de seu pensamento, principalmente a relativa às análises políticas.

É a famosa polêmica entre “deterministas” e “possibilistas”, estes dizendo-se alunos de Vidal de la Blache, arrogando-se o privilégio de incluir a ação do homem como um fator a considerar e admitindo que os “deterministas” (denominação que os “possibilistas” atribuíram a Ratzel e seus discípulos) dava prioridade aos fatores naturais cuja causalidade é considerada como

irrecusável. Isto significa esquecer que não existem apenas determinações naturais, mas também determinações sociais, que atingem homem e natureza igualmente. [...] Essa querela serviu apenas para retardar a evolução da geografia; e a noção de possibilismo, [...], jamais conseguiu desenvolver-se de maneira satisfatória. (SANTOS, 1978, p. 26).

Exemplifica essa polêmica o autor do prefácio da edição lusitana de “Princípios de Geografia Humana”, Fernandes Martins, que escreveu: “Quando se fala de ‘fronteiras naturais’, quando se escutam alusões a ‘espaço vital’... Cuidado! Tratemos de investigar a que imperialismo estarão estes mitos a servir de máscara.” (in LA BLACHE, 1954, p. 08) Porém, nada disse das “máscaras” da escola possibilista e do próprio Vidal sobre o imperialismo francês, como se a clareza de Ratzel fosse muito diferente da visão dos integrantes da escola possibilista.

Geógrafos brasileiros, em diversos ensaios, sempre colocaram com destaque e como certas as concepções lablacheanas e limitaram as posições de Ratzel a um determinismo tosco. Isto está evidente em um trecho do livro Documentário do Nordeste, de Josué de Castro (1908-1973):

Reagindo contra o determinismo de Ratzel, que concebia a terra como um suporte rígido, regulando os destinos dos povos com uma cega brutalidade, Vidal de La Blache orientou a Geografia Humana num sentido de melhor análise e maior prudência, ao encarar as influências mútuas entre o homem e o meio, [...]. (CASTRO, 1957, p. 136).

Era uma visão incorreta da visão de Ratzel, certamente colocada por possibilistas que o influenciaram. Também Aroldo de Azevedo (1910-1974), em seu livro didático “Geografia Física”, no qual o homem estava ausente, exceto para mostrar como ele era influenciado pelo clima (AZEVEDO, 1961, p. 134 a 138) e no qual se poderia descobrir que

Flagrantes são as diferenças entre os habitantes das regiões de clima quente e os das

terras árticas: os primeiros, por se acharem reduzidas ao mínimo suas necessidades, uma vez que a natureza é pródiga em virtude do clima, dedicam-se com mais frequência às coisas do espírito e entregam-se, muitas vezes, à inatividade e à indolência; os habitantes da zona ártica, pelo contrário, de tudo necessitam, passando a existência numa incessante luta para que não lhes falem o alimento e um relativo conforto, o que os torna aptos a suportar a dor física e com pouca tendência à espiritualidade. Em nosso próprio país, encontramos dois dos tipos humanos que oferecem um flagrante contraste, cuja explicação em parte pode ser dada pelas condições do clima: o sertanejo do Nordeste, afeito à vida áspera da caatinga semiárida, e o gaúcho do sul, jovial e fanfarrão, refletindo a doçura de suas verdejantes planícies, [...] (AZEVEDO, 1961, p. 138).

Essa visão determinista de Azevedo, um autor que se dizia possibilista e que fizera elogios à figura de Vidal, não era rara. Apareceram em outros textos afirmações como

Os homens das regiões temperadas e frias são, forçosamente, mais ativos. Já os que vivem nas regiões muito quentes são, por sua vez, vítimas de uma certa indolência que só o clima pode explicar. Mais alegres e joviais são os povos das regiões temperadas; são melancólicos os que moram nas zonas equatoriais. (AZEVEDO, 1943, p. 173)

Escreveu ainda que os geógrafos alemães, tendo à frente Ratzel, exageraram a influência do meio sobre o homem e “[...] criaram a ‘doutrina determinista’ para a qual o meio é tudo, nada mais sendo o homem que um seu produto, incapaz de uma influência decisiva.” (AZEVEDO, 1943, p. 188) Essa simplificação era fruto da influência francesa que recebera.

E, apesar de tudo o que ele afirmara contra Ratzel, deixou claro que aceitava o conceito de espaço vital (*Lebensraum*). “A densidade demográfica

comanda, imperiosamente, a ampliação do espaço e regula a intensidade da força expansionista” (AZEVEDO, 1955, p. 49), e aceitava a existência de um “ciclo vital” nos Estados, “[...] comparável com o da vida humana, se bem que com aquela diferença que os geógrafos admitem ao aceitarem o conceito de ciclo de erosão — a possibilidade de reiniciar-se o ciclo, [...]”. (AZEVEDO, 1955, p. 52). Na infância, o Estado só possuía a preocupação de consolidar sua estrutura interna, sem tendências à expansão territorial. Na adolescência ou mocidade, o Estado tinha um “[...] irrefutável dinamismo, que se reflete na expansão territorial, na conquista de novos espaços, na obtenção de novas áreas de influência” (AZEVEDO, 1955, p. 52-53). Na sua maturidade, o Estado não desejava mais se expandir territorialmente, queria assegurar os seus domínios e por isso tinha posturas defensivas, “[...] manifesta-se a favor da segurança e da cooperação internacional, transforma-se em defensor da paz mundial, [...]” (AZEVEDO, 1955, p. 53). A velhice é a decadência, a decrepitude, o desânimo frente a desafios internos e a ataques externos; sem sangue novo, “*acabará por ser riscado do mapa das Nações livres, chegando ao final de sua existência*”. Azevedo criticava os ratzelianos, mas ele também naturalizava o expansionismo, além de utilizar os conceitos de nação e Estado como sinônimos.

Para Ratzel, a ideia do espaço vital se encaixava na visão darwinista sobre a evolução; se os mais adaptados, os mais capazes venceriam essa luta, o geógrafo germânico considerava principalmente os alemães como os mais aptos e, portanto, eles poderiam e dominariam outros povos. Em muitos artigos lidos de Vidal e em seu mais conhecido livro (*Princípios de Geografia Humana*), não se viu referências diretas à polêmica determinismo e possibilismo, um debate criado pelo historiador francês Lucien Febvre (1878-1956). E, como escreveu Antonio Carlos Robert de Moraes, na Introdução de um livro com textos do prussiano,

Ratzel foi um crítico do determinismo simplista, o qual em sua opinião prestou um desserviço à geografia ao tentar explicar de imediato – e por uma via especulativa, sem base empírica – a complexa questão das influências das condições naturais sobre

a humanidade. Ele chegou a tecer críticas contundentes à ideia “obscura” de ser o homem “um produto do meio”. [...] A sua visão do condicionamento dos elementos ambientais sobre o homem e a sociedade é bem mais rica e mediatizada. (MORAES, in RATZEL, 1990, p. 10).

Ou como disse outro autor:

Ratzel não recorreu apenas às influências ambientais, mas igualmente, ou mais ainda, aos fatores histórico-culturais. Num de seus ensaios ressalta a grande significação do fator cultural, declarando: “Eu talvez pudesse compreender a Nova Inglaterra sem conhecer a terra, mas nunca sem conhecer os imigrantes puritanos.” (BROEK, 1972, p. 30).

No princípio de seu artigo (Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana), na parte III do livro “*Vidal, Vidais*”, Sergio Nunes Pereira destacou um trecho de Vidal (de “*A Geografia na escola primária*”) significativo:

A natureza não estabelece leis nem forma com antecedência os quadros dentro dos quais se move o destino dos Estados. Assinala as condições e deixa à competição, lei universal dos seres vivos, o cuidado de obter resultados. [...] Daí surge a necessidade que tem cada povo de informar-se seriamente dos recursos próprios que ele traz à luta. (PEREIRA, 2012, p. 337).

A lei universal de todos os seres vivos seria a competição e, desse modo, também tratava os Estados: como uma espécie de ser vivo. Também uma transferência da lei de Darwin para a sociedade. E uma das “ciências” que informaria sobre os recursos seria a Geografia.

DETERMINISMO E POSSIBILISMO

Vidal de La Blache falava, às vezes, em “*possibilidades ambientais*” e, por isso, a corrente

que liderou foi cognominada pelo historiador francês Lucien Febvre (1878-1956) de Possibilismo para se contrapor ao Determinismo, nome com o qual ele cunhou a visão de Friedrich Ratzel, em sua pregação por uma Geografia que não falasse de Estado e sim, basicamente, de solo: “*O solo, não o Estado: eis o que deve preocupar o geógrafo*”. Fez isso no livro “*La terre et l'évolution humaine – Introduction géographique à l'histoire*” (*A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história*), escrito durante a Primeira Grande Guerra, mas somente publicado em 1922. Ele associou o termo determinismo (que já existia) a Ratzel e chamou a geografia lablacheana de possibilismo (termo que Vidal nunca utilizou), criando uma polarização que não existia.

Dois fortes motivos levaram a fazê-lo: em primeiro lugar, Febvre, que defendia a interdisciplinaridade e a ampliação dos temas históricos, queria dialogar com seus compatriotas e fortalecer a Geografia de seu país em relação à Geografia alemã. Para tanto, acabou por tentar desmerecer a pujante contribuição de Ratzel, valorizando a Escola Francesa de Geografia. Em segundo lugar, ao enfatizar a dimensão política, a Geografia praticada por Ratzel assemelhava-se à História diplomática, militar e política então hegemônica na França e que Febvre esforçava-se em combatê-la. (RIBEIRO, 2012, p. 02).

Ratzel foi uma das referências intelectuais, com a sua Antropogeografia, para o estabelecimento da Geografia Humana de Vidal. Apesar de algumas pequenas divergências, os dois convergiam no tratamento dado à região e ao Estado, tanto na defesa do colonialismo quanto na própria visão geopolítica. O papel realizado pelo meio nas diversas atividades humanas analisadas por Vidal possuía, muitas vezes, uma visão “determinista”.

Lucien Febvre ressaltou o significativo papel da Geografia no movimento de renovação da História que ocorria na França.

Descontente com a historiografia dominante de então, Febvre descobre uma Geografia rica,

viva e em movimento. Os trabalhos de campo, a observação direta da realidade empírica e a atenção às paisagens soavam como uma novidade face à mesmice da história factual e dos arquivos fechados e mofados nos quais se encerravam os historiadores. Abrir-se à Geografia era renovar a História; [...]. (RIBEIRO, 2009, p. 123).

Esse historiador combatia o espírito da especialização, defendia que as ciências deveriam se aproximar, trabalhar em grupo; ou seja, era a favor da cognominada interdisciplinaridade. No entanto, propôs uma espécie de “divisão acadêmica do trabalho” ao definir qual seria o papel da Geografia. E ele não gostava muito da expressão Geografia Humana, “*Porque a Geografia não é de todo humana: ela pode prescindir do homem e, mesmo assim, seu ‘status’ de ciência e sua importância não serão abalados. O homem não é a ‘caça’ dos geógrafos, seu alvo principal.*” (RIBEIRO, 2009, p. 124), disse ele. Escreveu sua concepção sobre o que caberia à Geografia estudar: “*Resta-lhe o solo sobre o qual vivem os homens – e o clima, as produções e todas as condições de existência próprias dos lugares que frequentam e que também ocupam, enquanto membros de grupos de outra natureza: os grupos territoriais.*” (FEBVRE, apud RIBEIRO, 2009, p. 124/125)

Segundo ele, os grupos sociais poderiam ser deixados de lado pela Geografia, e sua visão sobre o que entendia por “humano” na geografia era diferente da concepção mais comum:

O homem é um agente geográfico, e não o menos importante. Contribui para revestir, conforme os lugares, a fisionomia da Terra com essas ‘expressões mutáveis’ que a geografia ‘tem por tarefa especial’ estudar. [...] E tal ação do homem sobre o meio é precisamente o que de humano entra no âmbito da geografia. A geografia é, repete incisivamente Vidal de la Blache [...], ‘a ciência dos lugares, e não a ciência dos homens’ (FEBVRE, apud RIBEIRO, 2009, p. 125).

Portanto, a parte humana que caberia à Geografia, para ele, era somente “a ação sobre o meio, o trabalho sobre o solo”. Em escrito de 1923 (*Pour une histoire à part entière*), disse: “[...] se o geógrafo não se interessa pela terra enquanto tal, a terra produtiva e fonte de alimentos, coberta de plantas, animais e metais, no que, legitimamente, ele se interessará?” (in: RIBEIRO, 2009, p. 130) O homem colocado por ele não tinha crenças, não se dividia em classes sociais ou por questões de gênero, somente fazia uma coisa: agia sobre o solo. Essa delimitação do papel da Geografia era uma maneira de excluí-la de diversos temas. Ele desejava que o geógrafo se preocupasse basicamente com o solo e que a Geografia fosse somente uma mera introdução à História, uma base física da mesma.

Esse era um dos motivos para que ele pudesse criticar Ratzel, que possuía em seus escritos o que Febvre considerava inadequado em termos científicos.

Estudar o solo, sim. Mas sustentar que suas influências poderiam ser expandidas às sociedades a ponto, inclusive, de explicar a História, não. O excessivo papel conferido por Ratzel ao solo, vinculando-o ao Estado, à geopolítica e à vida social como um todo era algo inaceitável para Febvre (RIBEIRO, 2009, p. 127).

Em sua crítica ao geógrafo alemão, Febvre destacava o “determinismo”, o fato de associar geografia e política, de colocar sua geografia a serviço do imperialismo alemão, além de criticar o objeto e o método por ele estabelecidos. Na verdade, reconhecia a superioridade científica alemã e tentava construir um pensamento essencialmente francófono que fosse superior. Além disso, gostaria que a função da Geografia em relação à História não se alterasse muito; foi essa uma das razões de colocá-la como o estudo das relações entre o solo e os grupos humanos. Para ele, era com o solo, a terra, que deveria estar a preocupação da Geografia; quando muito, da relação homem – meio, sendo mais do meio do que do homem. “À Geografia, a natureza, o meio, o palco; à História, a sociedade, a ação. Consagra aquela como a base física desta.” (RIBEIRO, 2009, p. 126).

Febvre acreditava em diversos aspectos

estudados por Ratzel, mas os colocava como sendo “não geográficos”, porque gostaria que eles fossem somente objeto da História. O megalostatismo do geógrafo prussiano, o fato de ele não separar a ciência da política, não apartar a ciência do Estado, o historiador francês não perdoava. Megalostatismo seria uma política de um Estado absorvedor; conforme afirmação de Pedro Francisco F. C. Teles:

Segundo aquilo que o geógrafo alemão definiu como a lei da aglutinação crescente, em que ao Estado confinado a um núcleo original se juntam, voluntariamente ou não outros Estados periféricos. Este expansionismo acentua-se e origina o megalostatismo, que segundo Ratzel corresponde à concepção (geo)política futura, em que a tendência universal é para a formação de “Super-Estados”, originais pela sua extensão e heterogeneidade por englobarem no seu conjunto diversos povos e Nações, línguas e costumes diversos (TELES, 2000, p. 19).

O historiador francês chamava a obra *Geografia Política*, de Ratzel, de uma espécie de manual do imperialismo alemão. Tinha Febvre também uma implicância com o fato de a Prússia ter anexado Alsácia e Lorena; ele desejava que a França fosse cientificamente superior à Alemanha e isso colaborava com a explicação de sua rejeição a Ratzel, a sua divisão em Determinismo (que Ratzel não era) e Possibilismo (termo que Vidal nunca utilizou). Entretanto, ele e sua revista eram partidários do colonialismo, recebiam artigos de banqueiros e desejavam colaborar para uma tomada de decisões mais eficiente dos homens de negócios da França. Acusavam Ratzel de megalostatismo e seu livro *Geografia Política* de manual do imperialismo, mas apoiaram a expansão e a causa colonial de seu país. Por mais que tenha tentado minimizar o papel da política na História (e na Geografia), seus textos mostraram precisamente o oposto (RIBEIRO, 2009, p. 131). E La Blache não realizou análises “despolitizadas” de determinados aspectos; pelo contrário, lamentou a cessação de parte da Guiana para o Brasil, a perda de Alsácia e Lorena para a Prússia, se preocupou com a ação colonial na África, defendeu missões militares da França, além de admirar o geógrafo prussiano.

Além disso, Vidal não estimulou um debate com Ratzel ou a chamada Escola Determinista; isso foi mais fruto de seguidores. Ribeiro cita uma frase de Vidal: “*O crescimento no sentido material, a extensão, o ‘Raum’ – segundo a expressão dos seus teóricos da geografia política –, é a medida da vitalidade e da saúde de um Estado.*” (apud RIBEIRO, 2011, p. 05) “*Raum*”, em alemão, significa espaço; compõe, por exemplo, o termo utilizado por Ratzel para designar “Espaço Vital”: *Lebensraum*, espaço para viver. Como nos pareceu que ele concordava com essa frase, isso era sinal que não havia muita diferença entre o que ele pensava e Ratzel. Segundo Ruy Moreira,

Se há uma substância que distinga a Geografia dos alemães da dos franceses, esta é a vinculação da Geografia alemã com o naturalismo, na mesma medida que a dos franceses tem com o historicismo, que aproxima os temas e obras dos alemães mais das ciências da natureza que das ciências humanas (que fará a fortuna da Geografia dos franceses) (MOREIRA, 2008, p. 41).

Nos textos de Vidal se observou um respeito às ideias de Ratzel. Por exemplo: em “A Geografia Humana: suas relações com a vida”, de 1903, Vidal realizou uma avaliação favorável de obras de Ratzel publicadas até aquele momento, das quais sua geografia humana acabou sendo tributária. Fazendo uma análise sobre as áreas ecúmenas, sobre os limites da “obra” humana, afirmou:

Indubitavelmente, a determinação da superfície habitada é a primeira questão que se coloca à geografia humana. Sobre isso, não há nada a acrescentar às considerações desenvolvidas pelo Sr. Ratzel nos primeiros capítulos do tomo II de sua Anthropogeographie. Porém, na terra habitada, há áreas [contrées] onde o homem é, de alguma forma, apenas tolerado pela natureza ambiente. (LA BLACHE, 2012c, p. 103).

Havia textos de Vidal que pareciam deterministas e outros antideterministas. Como exemplo dos últimos,

pode-se citar essa frase: “*As relações entre diferentes civilizações devem ser levadas em consideração para corrigir a noção das influências do meio [‘milieu’].*” (LA BLACHE, 2012c, p. 120) Para ele, grupos se tornavam muito diferentes (como o pastor e o agricultor) pelo conjunto de hábitos e concepções dos gêneros que praticavam. Suas discordâncias irremediáveis muito indiretamente derivavam da natureza; não eram uma tradução do meio físico. “*Vemos áreas que, com climas semelhantes, oferecem grandes diferenças de gênero de vida.*” (LA BLACHE, 2012d, p. 133) Era no sentido de que o clima não era “determinante” e isso poderia ser uma espécie de crítica à Ratzel, embora este não teria feito uma afirmação desse tipo. Contudo, Vidal, depois de dizer que a ação do homem sobre a natureza, ou vice versa, se exercia notadamente por intervenção do mundo vegetal e animal, escreveu: “*As influências do clima e do solo, que regem todas as coisas, nos atingem ao mesmo tempo que todo este mundo animado com o qual se desdobra nossa existência.*” (LA BLACHE, 2012d).

Para La Blache, a ideia que dominava o progresso da Geografia era a da unidade terrestre, da Terra como um todo, na qual os fenômenos obedecem a leis gerais. Ratzel, para ele, tinha razão na concepção de que “*Os fatos de Geografia humana ligam-se a um conjunto terrestre e apenas por este são explicáveis; relacionam-se com o meio que, em cada lugar da Terra, resulta da combinação das condições físicas.*” (LA BLACHE, 1954, p. 30) Nesse livro (*Princípios de Geografia Humana*) Ratzel foi citado seis vezes, sem críticas ao mesmo.

REFERÊNCIAS DE VIDAL A RATZEL

Na parte referente à Ritter e Ratzel, no artigo “A Geografia Humana: suas relações com a geografia da vida”, depois de dizer que, após Karl Ritter, “*a geografia humana sofreu um eclipse*” – que parece que foi por pouco mais de vinte anos –, afirmou logo depois: “*O mérito de ter reconstituído a Geografia humana à luz do método biológico pertence ao Sr. Friedrich Ratzel.*” (LA BLACHE, 2012c, p. 111) E elogiou a principal obra (Antropogeografia) de Ratzel. Em artigo publicado nos *Annales de Géographie*, em 1898 (A Geografia Política: a propósito dos escritos

do Sr. Friedrich Ratzel), se observava um preconceito, que poderíamos chamar de racial, em relação a outras civilizações (estabeleceu uma hierarquia entre elas) e também certo determinismo racial, como se pode ver nas seguintes frases:

Mas civilizado ou selvagem, ativo ou passivo, [...] o homem, nesses diferentes estados, não deixa de fazer parte integrante da fisionomia geográfica do globo. [...] É todo o quadro da vida que muda sobre as superfícies em que uma raça mais avançada em civilização toma lugar. [...] Seu campo não se restringe ao espaço que ocupam as sociedades de civilização avançada. [...] Entre Estados pouco civilizados, não pode haver limites respondendo a uma simples linha; [...]. (LA BLACHE, 2012a, p. 404, 410, 414 e 416).

No mesmo artigo, Vidal lembrou que a Geografia Política viveu, durante um tempo, da impulsão fecunda dada por Karl Ritter e que, “De nossa parte, cremos firmemente que, em definitivo, nada seria mais fecundo para a geografia política que o desenvolvimento tão marcante que alcança, sob nossos olhos, o estudo físico do globo.” (LA BLACHE, 2012a, p. 402). Para ele, a geografia política constituía um desenvolvimento especial da geografia humana e achava que Ratzel entendia do mesmo modo. Observou que existiam queixas sobre a “sequidão” da geografia política e se elas fossem fundamentadas provariam que faltaria a essas obras uma concepção clara do objeto da ciência. Uma das razões, segundo ele indicada por Ratzel, era que:

[...] os fatos da geografia política encontram-se ainda muito esparsos, sem adaptação àqueles da geografia física. É esse trabalho de agrupamento e de coordenação que o Sr. Ratzel tentou alcançar nos diferentes estudos que citamos, pois não é homem de se contentar em formular críticas e esboçar programas. [...] Ele procura agrupar os fatos e extrair leis, a fim de colocar à disposição da geografia política um fundo de ideias sobre o qual ela possa viver. (LA BLACHE, 2012a, p. 403).

Afirmava ainda que a geografia política precisava tornar precisa a relação que a uniria ao conjunto da Geografia e

Uma certa hesitação ainda reina, [...], sobre as atribuições da geografia política, sobre a definição de seu domínio: sobretudo porque não se percebe claramente qual lugar lhe pertence entre as diferentes ciências que têm por objeto comum decifrar a fisionomia da Terra. (LA BLACHE, 2012a, p. 404).

Além disso,

Existe uma palavra da qual seria bom não abusar, mas que o Sr. Ratzel usa com razão ao falar dos Estados – a noção de organismo vivo. Essa expressão somente designa, por uma fórmula contundente, a lei de desenvolvimento que domina as relações do homem e do solo. (LA BLACHE, 2012a, p. 417).

Ou seja, concordava com o uso que o prussiano fazia desse termo. Mas ao colocar o Estado como um organismo vivo, estava aceitando a interpretação ratzeliana de que os Estados nascem, crescem e morrem, de que eles possuíam uma necessidade de se expandir etc.? Por sua visão sobre os grandes países, e a respeito da colonização, parece que sim. No final do artigo, acrescentou que ainda era prematuro querer formular leis, mas que certos princípios já estavam se revelando e que

Se esta apreciação, por mais insuficiente que seja, conseguir despertar tal ideia nos leitores, eu queria que ela se tornasse, para eles, um motivo para se reportar aos escritos do Sr. Ratzel. Eles encontrarão aí, com todos os desdobramentos que comporta, uma concepção da geografia política que responde, em suma, ao presente estado da ciência. (LA BLACHE, 2012a, p. 420).

O que se pode concluir, com base nesse artigo (*La géographie politique. À propos des écrits de M. Frédéric Ratzel*), é que Vidal aceitava em 1898,

em linhas gerais, as proposições ratzelianas. Muitos pontos de vista de Ratzel foram aceitos, alguns de forma quase integral. Escreveu Sergio Nunes Pereira:

O papel de intermediação exercido pela geografia dos seres vivos com relação aos fenômenos da geografia física – o mundo inanimado – e os da chamada geografia política – o mundo organizado socialmente –, é um desses pontos. Outro, certamente é a preocupação em dotar o estudo do elemento humano na Terra de meios de investigação tão precisos quanto os utilizados pelas ciências naturais, através de mapas topográficos, temáticos e informações censitárias. (PEREIRA, 2012, p. 349).

Vidal, pelo que se nota no texto desse artigo, tratava geografia política e geografia humana como termos equivalentes e não era contrário à ênfase dada ao elemento natural por Ratzel e, sim, à ausência de consideração da relatividade dos fatos, à posição dogmática do geógrafo alemão. La Blache também não tinha uma grande preocupação com conteúdos ideológicos que ameaçassem a integridade científica, pois sua visão a respeito da França era semelhante. Possuía, sim, outras divergências, principalmente em razão das áreas tomadas pela Alemanha. Ambos defendiam o capitalismo, o imperialismo e o colonialismo.

O problema do geógrafo francês foi não analisar as questões sociais que ocorriam. No mesmo artigo (A geografia política: ...), escrevendo sobre ilhas, afirmou o seguinte: “Quando o espaço assim delimitado é reduzido, a densidade de população, com frequência, alcança um nível pletórico, produzindo hábitos de emigração.” (LA BLACHE, 2012a, p. 407) Ora, para quem acreditava tanto no poder da ciência, desmerecer o fato de isso ser causado pela ausência de soluções “científicas” ou políticas, era incoerente. Afirmava que, nas ilhas, o litoral era o ponto de partida das relações exteriores e onde se situavam as principais cidades. E, na sequência, para valorizar a colonização europeia, escreveu: “Madagascar permaneceu, do ponto de vista político, um pequeno continente: a colonização europeia, sem dúvida, irá desenvolver aí o caráter insular e fará afluir a vida

sobre seu litoral.” (LA BLACHE, 2012a, p. 407) Faltou definir qual vida! No entanto, já previa uma uniformização do mundo pela ação europeia.

O europeu moderno, sobretudo, é o artesão infatigável de uma obra que tende a uniformizar, senão o planeta, pelo menos cada uma das zonas do planeta. Os movimentos que o deslocam também movimentam e transportam com ele as plantas e os animais que constituem sua clientela. (LA BLACHE, 2012a, p. 409).

Realmente, o europeu conseguiu introduzir costumes e produtos em todos os continentes, mas não conseguiu uniformizar o mundo. As guerras internas europeias, posteriores à existência de Vidal, fizeram com que esse papel fosse exercido por um país de características europeias, mas situado em outro continente: os EUA. O que eles conseguiram foi estabelecer colônias em diversos continentes, provocar guerras com aqueles que não aceitaram sua dominação e causar a fome em muitos locais, graças, inclusive, à ação de suas *plantations* (e elas permaneceram).

Vidal analisava certos fatos como normais, sinal de “progresso” como, por exemplo, “A Austrália viu, quase sob os nossos olhos, a substituição de sua fauna e flora indígenas por aquelas para lá transportadas pelos europeus.” (LA BLACHE, 2012a) Nada disse da “substituição dos nativos”. Nas pradarias dos EUA, as milhões de cabeças de bisões foram substituídas por campos de cultura; “A mesma sorte espera em breve o elefante africano.” (LA BLACHE, 2012a, p. 410) As migrações provocavam revoluções na fisionomia das regiões, escrevia ele com seu preconceito em relação às outras culturas. “É todo o quadro da vida que muda sobre as superfícies em que uma raça mais avançada em civilização toma lugar.” (LA BLACHE, 2012a)

Admitia que existiam problemas na geografia política, mas “Se buscarmos os instrumentos novos de investigação e análise que lhe são fornecidos pelos progressos da geografia física e em geral do conhecimento terrestre, temos apenas a dificuldade de escolher entre os exemplos.” (LA BLACHE, 2012a, p. 411) No entanto, deu a impressão de que seu entendimento por geografia política era diferente do

que Ratzel havia escrito. Pelo menos era o que parecia ao ler isso: “Na base da geografia política há uma questão que podemos considerar capital – trata-se da repartição das populações humanas na superfície terrestre.” (LA BLACHE, 2012a, p. 411)

Ainda nesse artigo (A Geografia Política:...) deixou claro seu eurocentrismo, sua visão de mundo, ao escrever algo comprobatório:

Mas é a Ásia, sobretudo, que se manifestou como aquilo que ela sempre foi, a terra clássica para o estudo dos fatos da geografia humana. Ao mesmo tempo que nos oferecia o espetáculo de grandes dominações europeias penetrando, de lados diferentes, pelo interior do continente, permitia-nos observar na situação presente os restos das populações que outrora foram, elas próprias, fundadoras de Estados. Encontramos na Ásia Central os vestígios ainda vivos das populações iranianas, tais como foram fragmentadas e afastadas por uma série de invasões mongóis ou turcas, espetáculo instrutivo de uma grande raça política, a qual se pode dizer que foi vítima de sua posição geográfica (LA BLACHE, 2012a, p. 413).

Por que a Ásia era uma terra clássica para estudos de fatos da geografia humana, não foi possível entender. Será porque foi dominada em diversos flancos pelos europeus? Isso foi um espetáculo? Para quem? Foi bom encontrar vestígios vivos da população iraniana? Um espetáculo instrutivo (sob que aspectos?) de uma “grande raça política”? O que seria isto? E ela foi vítima de sua posição geográfica – creio que aqui entendida como localização – porque se encontrava no meio do caminho para a Índia ou China?

Ainda afirmou que a geografia política não poderia restringir seu campo ao espaço das civilizações avançadas, a alguns “pontos luminosos” que, para ele, eram as civilizações europeias e a estadunidense. Precisava também conhecer as formas imperfeitas ou rudimentares que marcavam, “nas relações da terra e do homem”, diversos graus, vários estágios. “Essas formas de estabelecimentos políticos e de agrupamentos humanos merecem a atenção na

medida em que representam degraus sucessivos que levam a formas mais perfeitas realizadas em algumas partes da Terra.” (LA BLACHE, 2012a, p. 414) Muitas regiões do globo ainda não ultrapassaram aquele estágio primitivo. “Em toda parte da África que ainda não foi modificada pelas influências europeias ou árabes, não existem cidades no verdadeiro sentido da palavra; [...]” (LA BLACHE, 2012a, p. 414-415) Ou seja, o que fazia falta a grande parte das sociedades era ter a influência europeia, a cidade no estilo europeu (“A cidade é hoje, na América e na Austrália, o signo por excelência da apropriação europeia, o núcleo do Estado.” – LA BLACHE, 2012a, p. 416), pois isso era sinal de avanço civilizacional. E se sabe o que significava “influência europeia”.

No final do artigo “Geografia Política” (1898), observou que havia novos fatos à disposição, uma riqueza de dados, e a geografia política deveria “[...] se esforçar em trabalhá-las, tornando-se uma ciência que analisa, classifica e compara, pois a cartografia, por mais variados que sejam ou que possam vir a ser seus meios de expressão, não será suficiente para a explicação dos fatos.” (LA BLACHE, 2012a, p. 420) Fazer somente o que ele sugeria era muito pouco para uma ciência. Sobre a cartografia, seria bom lembrar que não era sua função explicar os fatos; ela sempre foi um meio útil que colaborava para a explicação (mas não só para isso). E, no último parágrafo, afirmou que “[...] não saberíamos definir melhor o serviço que, entre todos os ramos da geografia, este que trata do homem está particularmente designado a prestar.” (LA BLACHE, 2012a, p. 420) Ou seja, estava claro que havia ramos que não tratavam do homem. Daí não considerar realmente a Geografia como uma ciência das pessoas e sim dos locais, por mais amplos que fossem considerados.

Contudo, não definia com clareza o que era Geografia. Era comum certa indefinição; clara era a ligação que fazia com as coisas da natureza, sendo estas últimas as mais importantes. No texto “A Geografia Política:...” estava escrito: “Entre a geografia física e a geografia política o anel intermediário é o estudo geográfico das plantas.” (LA BLACHE, 2012a, p. 407) Isso porque, segundo ele, era a planta que retirava do mundo inorgânico os elementos de nutrição e os elaborava para o animal, sendo assim

a intermediária entre os “dois principais ciclos de fenômenos geográficos”, aqueles do mundo inanimado e do vivente. Para ele, a Geografia integrava o grupo das “ciências da terra” (LA BLACHE, 2012b, p. 80)

Vidal fez também uma breve análise de algumas obras de Ratzel no artigo “A Geografia Humana: suas relações com a geografia da vida” (LA BLACHE, 2012c), enaltecendo as obras Antropogeografia e Geografia Política, afirmando que o geógrafo germânico voltou-se para as consequências políticas dos princípios da geografia humana:

[...] é um estudo do Estado, considerado em sua ligação com o solo [sol] e com as leis de seu desenvolvimento territorial. Nesse volume há capítulos sobre a posição, o espaço, as fronteiras e o mar do ponto de vista político, que são aplicações diretas das ideias expostas na Anthropogeographie. Porém, a geografia política – e Ratzel sabe melhor que ninguém – não saberia se limitar ao estudo do Estado. (LA BLACHE, 2012c, p. 112).

Continuou a teorizar sem fazer críticas diretas ao prussiano; disse ainda que na obra Geografia Política, de Ratzel,

[...] o que domina é uma teoria do crescimento dos Estados. É significativo que este seja o resultado de uma das principais aplicações do método biológico em geografia – todavia, isso não é surpreendente. Na realidade, os fatos de Geografia humana apresentam-se sob um duplo aspecto: o político e o econômico, sendo que o primeiro não nos parece o principal. (LA BLACHE, 2012c, p. 113).

O que Vidal procurou fazer foi tentar aplicar o método biológico na Geografia. Em um momento de destaque sobre o discurso evolucionista, tentou elaborar uma espécie de “ecologia do homem”, com visões muito próximas das ciências biológicas, o que o aproximou do darwinismo social. E o final da citação acima será muito observado por seguidores brasileiros, que omitirão dados políticos em sua maneira de fazer política. De qualquer modo, ele combatia certos aspectos

de Ratzel sem explicitar esse combate, inclusive tecendo-lhe alguns louvores; no entanto, pretendia deslocar o debate geográfico para a França, retirando-o da inimiga Alemanha.

Nos seus artigos, normalmente citou aspectos em que concordava com o prussiano, como: “*Desse modo, eles realizam plenamente o que Ratzel denomina muito bem ‘formas de vida nas quais toda atividade e todo esforço recebem uma direção particular’.*” (LA BLACHE, 2012e, p. 160) Ou: “*Como dizia Ratzel, há uma geografia das ruínas, e sua persistência nas áreas [contrées] de pedra e de areia é, por si só, um fato geográfico.*” (LA BLACHE, 2012f, p. 129) Ou em análise de Antropogeografia, publicada em 1882 e 1891: “*O mérito de ter reconstituído a Geografia humana à luz do método biológico pertence ao Sr. Friedrich Ratzel. [...] Essa obra, tão notável pela riqueza de visões e pela amplidão do método, veio estreitar de uma vez por todas uma cadeia que ameaçava se romper.*” (LA BLACHE, 2012c, p. 111) Por outras palavras: “*Quando o Sr. Ratzel insiste sobre a característica ‘hologeica’ que a Geografia humana deve ter, ele exprime, portanto – numa fórmula um pouco árida – um pensamento caro a Ritter.*” (LA BLACHE, 2012c, p. 110) Hologeica vem do grego *Holos* (que significa “inteiro, completo”) e aqui significa uma concepção integradora da Terra. Escreveu ainda: “*Por exemplo: em seus belos estudos sobre os Estados Unidos da América, o Sr. Ratzel, autor de ‘Antropogeografia’, destaca a característica original que a extensão das superfícies sobre as quais opera o americano conferiu à sua civilização.*” (LA BLACHE, 2012i, p. 94) A agricultura demonstrava uma das maneiras por meio da qual o homem enraizou-se no território “[...] e nele encravou seu rastro: a incorporação a uma parte da terra, a ‘Einwürczelung’, tão bem descrita por Peschel e Ratzel.” (LA BLACHE, 2012e, p. 170).

Em artigo sobre a geografia política de Vidal, o geógrafo Sergio Nunes Pereira analisou também “*Etats e nations de l’Europe autour de la France*” (1889), considerado, por muitos, como o terceiro livro de Vidal, no qual realizou uma avaliação favorável das obras de Ratzel publicadas até aquele momento, das quais sua geografia humana acabou sendo tributária. Segundo o articulista, La Blache fazia uma análise de

conteúdos políticos a respeito da formação territorial dos Estados europeus e previa o expansionismo alemão. Um estudo sobre as relações entre o Estado e o solo, uma influência de Ratzel (embora sem incorporar todas as suas concepções). Conforme Pereira,

Embora apresente características originais e distintivas, États et Nations não poderia deixar de apresentar, como qualquer outra obra geográfica francesa da época, um fundo ratzeliano. Este residiria, em grande medida, numa formulação das mais caras ao geógrafo alemão: a noção de posição (lage), ressignificada a partir de uma ideia de Karl Ritter. (PEREIRA, 2012, p. 346).

O livro traz uma leitura da posição da França no continente europeu; o título já afirmava que eram Estados e nações europeias “em torno da França”. “Não escapava a Vidal, certamente, a circunstância ao mesmo tempo atlântica, continental e mediterrânea de sua pátria, envolvida por cinco ou seis Estados diferentes.” (PEREIRA, 2012, p. 347) Analisou também a posição desfavorável de pequenos Estados europeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pretendeu demonstrar neste artigo, Ratzel teve grande influência no pensamento de Vidal e “É fato conhecido que Vidal recorreu diretamente ao mestre alemão em seu período de formação, meses antes de assumir a cátedra de Geografia e História em Nancy (janeiro de 1873).” (PEREIRA, 2012, p. 347) No livro “*La France de l’Est (Lorraine-Alsace)*” (1994), Vidal demonstrou que, do ponto de vista geopolítico, não estava tão distante de Ratzel, estando também convencido de que território e poder eram sinônimos. Ele criou na geografia uma escola nacional francesa, ou seja, para o Estado francês.

No livro citado, no qual não colocou os grandes geógrafos do período (como Humboldt, Ritter, Ratzel ou Reclus), as ideias de Vidal eram semelhantes às práticas estratégicas, empresariais e diplomáticas da França; não deixou de ser um defensor do Estado francês. Além disso, presentes seu antigermanismo, a

defesa de um agrupamento europeu que tivesse a França como líder e a possibilidade de trocas comerciais com a Rússia, fato dificultado, com a eclosão, no final de 1917, da Revolução de Outubro. A obra “*A França do Leste*”, defensora de uma estratégia a ser utilizada pela França, instaura-se, portanto, no campo da geopolítica e não no da geografia política. Sendo Ratzel um geógrafo que fez algumas das propostas seguidas pela Alemanha, era natural que Vidal o censurasse. Mas ele também não fez nenhuma referência nessa obra, demonstrando mais uma vez que a polarização entre ambos não existiu.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia Física* para o primeiro ano colegial. 38ª ed. (rev.) São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961 (1ª ed. 1947).

AZEVEDO, Aroldo de. A geografia a serviço da política. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, outubro de 1955, n. 21, 42-68.

AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia Geral* - tomo primeiro: Geografia Astronômica. Geografia Física. Geografia Humana. 3ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943 (para a primeira série ginásial - 1ª ed.: 1942).

BROEK, Jan O. M. *Iniciação ao Estudo da Geografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Princípios de Geografia Humana*. 2ª ed. rev. Lisboa (Portugal): Edições Cosmos, 1954 (1ª ed. 1921).

LA BLACHE, Paul Vidal de. *La France de l’est (Lorraine-Alsace)*. Paris: La Découverte, 1994 (1ª edição: 1917).

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia Política: a propósito dos escritos do Sr. Friedrich Ratzel. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a, p. 401-420 (Original publicado em 1898).

LA BLACHE, Paul Vidal de. Aula Inaugural do Curso de Geografia. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012b, p. 67-83 (Original publicado em 1899).

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia Humana: suas relações com a Geografia da Vida. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012c, p. 99-123 (Original publicado em 1903).

LA BLACHE, Paul Vidal de. Os Gêneros de Vida na Geografia Humana. Primeiro Artigo. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012d, p. 131-158 (Original publicado em 1911).

LA BLACHE, Paul Vidal de. Os Gêneros de Vida na Geografia Humana – Segundo Artigo. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012e, p. 159-181 (Original publicado 1911).

LA BLACHE, Paul Vidal de. Da interpretação geográfica das paisagens. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012f, p. 125-130 (Original publicado em 1908).

LA BLACHE, Paul Vidal de. As condições geográficas dos fatos sociais. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012g, p. 85-98 (Original publicado em 1902).

LA BLACHE, Paul Vidal de. A carta internacional do mundo ao milionésimo. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012h, p. 437-445 (Original publicado em *Annales de Géographie*, em 1910).

LA BLACHE, Paul Vidal de. As regiões francesas. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal, Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012i, p. 245-275 (Original publicado na *Revue de Paris*, em 1910).

LIRA, Larissa Alves de. *O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir de estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)*. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, FFLCH da USP, São Paulo, 2012.

LIRA, Larissa Alves de. Notas sobre a Concepção de Mediterrâneo de Vidal de La Blache. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS. Porto Alegre, Associação dos Geógrafos Brasileiros. *Anais...* Porto Alegre, AGB, 2010, p. 01-09.

MOREIRA, Ruy. *Opensamento geográfico brasileiro*. Vol. 1: As matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Sergio Nunes. Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana. In: HAESBAERT, Rogério *et alii.* (orgs.). *Vidal Vidalis: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 337-362.

RATZEL, Friedrich. *Geografia*. São Paulo: Ática, 1990.

RIBEIRO, Guilherme. Para Ler geografia ou a Geografia segundo Lucien Febvre. *Terra Livre*. São Paulo. Ano 25, v. 1, n. 32, jan./jun. 2009, p. 121-136.

RIBEIRO, Guilherme. Paul Vidal de La Blache: uma interpretação *Ou* para que serve a história

do pensamento geográfico. III ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO – I ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA HISTÓRICA. Rio de Janeiro, 2012. *Anais...* Rio de Janeiro, 2012. 15 p.

RIBEIRO, Guilherme. A Geografia e o desafio da Modernidade: *La France de l'Est (Lorraine-Alsace)* cem anos depois. *Biblio3W*. Barcelona, v. XVI, nº. 934, 2011. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-934.htm>>. Acessado em agosto de 2013.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1978.

TELES, Pedro Francisco Figueiredo Cabral. *A Geopolítica na História e no Ensino da Geografia Portuguesa (1910-1960)*. 2000. 323 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade do Porto, Porto. Disponível em: <<http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/.../3504TM01P000075303.pdf>>. Acessado em 01 novembro de 2013.